

É NECESSÁRIO O ESTUDO DA TEOLOGIA PARA SER UM BOM PRESBÍTERO?*

Angelo Lameri

Doutor em Teologia com especialização litúrgico-pastoral junto ao *Istituto di Liturgia Pastorale "S. Giustina"* de Pádua (Itália). É o vice-decano da Faculdade de Teologia da *Pontificia Università Lateranense* de Roma, onde atua como professor ordinário de Liturgia e sacramentária geral, e também colabora como professor convidado na *Pontificia Università della Santa Croce*. Desde 2010 é consultor da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, e desde 2013 é consultor do Ofício de celebrações litúrgicas do Sumo Pontífice.
E-mail: lameri@pul.va

Resumo: *Ao justificar a necessidade do estudo da teologia na formação presbiteral, evidencia-se como a caridade pastoral, vivida no mistério de Cristo, pressupõe a experiência do dom de si, que faz parte da identidade e da ação do presbítero. Evitando os riscos tanto de um espiritualismo desencarnado, quanto de um ativismo que negligencia a vida interior, a reflexão teológica surge como uma guia, que equilibra a prática pessoal da fé e o empenho pastoral. É na relação entre conhecimento e fé, que o amor a Deus plasma um bom teólogo, capaz de dialogar com o mundo da cultura e da ciência, promovendo a nova evangelização.*

Palavras-chave: *Formação presbiteral. Teologia. Evangelização.*

Abstract: *By justifying the need for the study of theology in priestly formation, it becomes evident how pastoral charity, lived in the mystery of Christ, presupposes the experience of the gift of self, which is part of the identity and action of the priest. Avoiding the risks of both a disincarnated spiritualism and an activism that neglects the inner life, theological reflection emerges as a guide, which balances personal*

practice of faith and pastoral commitment. It is in the relationship between knowledge and faith that the love for God shapes a good theologian, capable of dialoguing with the world of culture and science, promoting the new evangelization.

Keywords: *Priestly formation. Theology. Evangelization.*

Resumen: *Al justificar la necesidad del estudio de la teología en la formación presbiteral, se resalta cómo la caridad pastoral, vivida en el misterio de Cristo, presupone la experiencia del don de sí, que es parte de la identidad y de la acción del presbítero. Evitando los riesgos tanto de un espiritualismo desencarnado, cuanto de un activismo negligente con la vida interior, la reflexión teológica emerge como una guía, que equilibra la práctica personal de la fe y el empeño pastoral. Es en la relación entre el conocimiento y la fe que el amor a Dios plasma un buen teólogo, capaz de dialogar con el mundo de la cultura y el de la ciencia, promoviendo la nueva evangelización.*

Palabras clave: *Formación presbiteral. Teología. Evangelización.*

* O artigo recolhe a alocação oferecida pelo autor na conferência realizada no dia 21 de novembro de 2019, por ocasião de sua visita ao Centro de Estudos Filosófico-Teológicos *Redemptoris Mater* de Brasília. Título original: *È necessario lo studio della teologia per essere un buon presbítero?* (tradução de João Baptista Mezzalira Filho).

Sommario: Nel giustificare la necessità dello studio della teologia nella formazione presbiterale, viene messo a fuoco come la carità pastorale, vissuta nel mistero di Cristo, presupponga l'esperienza del dono di sé, che fa parte dell'identità e dell'azione dell'presbitero. Evitando i rischi tanto di uno spiritualismo disincarnato, quanto di un attivismo che trascura la vita interiore, la riflessione teologica surge come una guida, che equilibra la pratica personale della fede e l'impegno pastorale. È nella relazione tra conoscenza e fede che l'amore a Dio plasma un buon teologo, capace di dialogare con il mondo della cultura e della scienza, promuovendo la nuova evangelizzazione.

Parole chiave: Formazione presbiterale. Teologia. Evangelizzazione.

Résumé: En justifiant la nécessité de l'étude de la théologie dans la formation presbytérale, il est souligné que la charité pastorale, vécue dans le mystère du Christ, suppose l'expérience du don de soi, qui fait partie de l'identité et de l'action du presbytre. Évitant les risques tout à la fois d'un spiritualisme désincarné et d'un activisme qui néglige la vie intérieure, la réflexion théologique se présente comme un guide, qui équilibre la pratique personnelle de la foi et l'engagement pastoral. C'est dans la relation entre connaissance et foi que l'amour pour Dieu façonne un bon théologien, capable de dialoguer avec le monde de la culture et de la science, en promouvant la nouvelle évangélisation.

Mots-clés: Formation presbytérale. Théologie. Évangélisation.

Que a pergunta presente no título não pareça por demais estranha, ou simplesmente provocatória. Anos de experiência de ensino me levam a afirmar que ela está presente nos candidatos ao sacerdócio ministerial mais do que venha explicitada. Em alguns casos, o percurso de estudos e às vezes, infelizmente, também a soma dos anos de formação, são vividos como um necessário sacrifício para alcançar a meta da ordenação, de modo que o seminário se torna como que um *tunnel* a ser percorrido com paciência, à espera de sair rumo à luz do exercício do ministério.

No fundo, nenhuma vocação nasce pensando no estudo da teologia, «quanto que a vocação ao presbiterado está enraizada e encontra sua razão de ser em Deus, no seu desenho de amor»¹. Nem mesmo a identidade do presbítero se qualifica propriamente com relação à teologia. São João Paulo II, na exortação apostólica pós-sinodal *Pastores dabo vobis*, citando a mensagem dos Padres sinodais, assim a conota:

Na sua Mensagem final, os Padres sinodais compendiarão em breves mas ricas palavras a "verdade", melhor, o "mistério" e o "dom" do

¹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Ratio Fundamentalis Istitutionis Sacerdotalis* (8 de dezembro de 2016), n. 30.

sacerdício ministerial, afirmando: "A nossa identidade tem a sua fonte mais remota na caridade do Pai. Ao Filho, por Ele enviado, Sumo Sacerdote e Bom Pastor, estamos unidos sacramentalmente com o sacerdício ministerial por ação do Espírito Santo. A vida e o ministério do sacerdote são a continuação da vida e da ação do próprio Cristo. Esta é a nossa identidade, a nossa verdadeira dignidade, a fonte da nossa alegria, a certeza da nossa vida"².

A partir disso, resulta que a cifra sintética da identidade e da ação do presbítero é a *caridade pastoral* como participação da mesma caridade pastoral de Cristo, cujo conteúdo é o dom total de si, que brota da Eucaristia, centro e raiz de toda a vida do presbítero; caridade pastoral que na Eucaristia encontra a sua mais alta realização, porque da Eucaristia o presbítero recebe a graça e a responsabilidade de conotar num sentido "sacrificial" a sua inteira existência³.

1. DOIS DESVIOS A SEREM EVITADOS

Retorna, portanto, a pergunta: para que o estudo da teologia? A interrogação, que superficialmente poderia ser interpretada como um ceder à preguiça, ou como expressão de um escondido (ou talvez nem tanto) desejo de alcançar a meta sem muita fadiga, por outro lado, nem sempre reconhecida como profícua, pode esconder dois perigosos desvios.

O primeiro desvio conduz a uma espécie de espiritualismo desencarnado, no qual seria decisivo e verdadeiramente importante concentrar-se sobre si, em busca de uma relação autêntica com o Senhor, que hipoteticamente seria favorecida pelo empenho de uma oração autêntica e frutuosa, que conduz à contemplação do mistério do amor de Deus. Abandonando-se interiormente a este amor e à atração exercida por

² JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica pós-sinodal *Pastores dabo vobis* (25 de dezembro de 1992), n. 18.

³ *Ibid.* n. 23.

Deus, o inicial germe de vocação encontraria a sua autenticação e o seu nutrimento necessário. Nesta perspectiva, o estudo da teologia aparece claramente não decisivo com vistas, seja ao discernimento vocacional, seja à preparação ao ministério presbiteral. A teologia, de fato, aqui é vista como o exercício de uma racionalidade árida, por não dizer estéril, de deixar o “trabalho aos empregados”. No máximo pode fornecer alguns pontos firmes, algumas certezas, nas quais pode encontrar segurança. Para confirmar isso, pode-se notar como nessa visão, também a liturgia é vivida como um “bom refúgio”, a fim de encontrar proteção quando se adverte à crescente dificuldade em ser significativos na sociedade, e então fechar-se num ambiente protegido, para iludir-se de que é imune às hostilidades, ou ainda à irrelevância para a qual, hoje em dia, muitas vezes é relegada a fé cristã. Uma teologia funcional nas certezas doutrinárias e uma liturgia tranquilizante, são sintomas daquela mundanidade espiritual da qual nos chama a atenção o Papa Francisco, na exortação apostólica *Evangelii gaudium*, onde observa que um cuidado ostentoso da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja, pode distorcer a preocupação de uma real inserção do Evangelho no povo de Deus e nas necessidades concretas da história⁴, que no fim das contas, são as dimensões com as quais a teologia se envolve.

O segundo desvio, oposto ao precedente, é o ativismo. Neste caso, coincide a preparação ao ministério ou o seu exercício com o número de compromissos ou com a capacidade organizativa, ou ainda procura-se medir o sucesso da ação evangelizadora baseando-se nos “números”, ou nos resultados – verdadeiros ou presumidos – que se consegue totalizar. Nesta perspectiva, a caridade pastoral é identificada com as iniciativas pastorais. Se no primeiro caso “o bom seminarista” ou “o bom presbítero” são aqueles que cuidam da interioridade, aqui são aqueles que sabem doar-se sem reservas nas atividades. É fácil, neste segundo caso, cair num tipo de neopelagianismo no qual a salvação é confiada às forças do indivíduo,

⁴ Cf. FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* (24 de novembro de 2013), n. 95.

ou das estruturas puramente humanas, e portanto, incapazes de reconhecer e acolher a novidade do Espírito de Deus⁵. Nesta visão, a teologia parece inútil, ou pelo menos não assim decisiva, pois o importante seria o agir, e não o refletir sobre o agir, que é propriamente aquilo que faz a teologia, e o que especificamente a teologia pastoral convida a fazer.

Nas duas visões sumariamente descritas, o estudo da teologia aparece como um elemento acessório no caminho de formação, com um caráter puramente funcional, com pouca relevância, seja na prática pessoal da fé, seja na práxis da Igreja.

2. ESTUDO DA TEOLOGIA ENTRE PRÁTICA PESSOAL DA FÉ E EMPENHO PASTORAL

A este ponto, seria por demais precipitado descartá-los como enganosos, sem propor considerações que procurem fundar com suficiente convicção as motivações da importância da teologia e do seu estudo para a vida e o ministério do presbítero. Deixo-me inspirar pela *Pastores dabo vobis*, na qual afirma-se que «na realidade, por meio do estudo, particularmente da teologia, o futuro sacerdote adere à palavra de Deus, cresce na sua vida espiritual e dispõe-se a desempenhar o seu ministério pastoral» (n. 51). A referência à adesão à palavra de Deus e ao crescimento na vida espiritual remanda à questão da prática pessoal da fé, um dispor-se na realização do ministério que remete a uma motivação de caráter pastoral.

2.1 PRÁTICA PESSOAL DA FÉ

O ser presbítero, e portanto, também o preparar-se para tornar-se um, enquanto não se trata de exercer uma profissão ou de desempenhar um papel de funcionário, é inseparável da prática da fé. A propósito disso, penso que todos concordamos com o fato de que professar a fé na Trindade

⁵ Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. Carta *Placuit Deo*, 22 de fevereiro de 2018.

equivalha a crer em um só Deus que é Amor⁶, e que sendo assim, a linguagem do amor seja a linguagem mais idônea para exprimir

a nossa fé no único Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo, porque o amor quer dizer unidade e ao mesmo tempo distinção, relação entre pessoas que se distinguem justamente em seu relacionar-se. A analogia do amor constitui, assim, um dos instrumentos mais elevados – e com um reconhecido fundamento escriturístico – para formular a nossa fé no Deus uno e Trino⁷.

Mas como compreender esta linguagem do amor em relação à prática da fé e, sobretudo, qual é o papel da reflexão teológica? Ajuda-nos a resposta de Jesus àquele escriba que pede um esclarecimento sobre o primeiro dos mandamentos: «Jesus respondeu: O primeiro é: Ouve, Israel! O Senhor nosso Deus é o único Senhor; amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma, com toda a tua mente e com toda a tua força. O segundo é este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que este» (Mc 12, 29-31). Aqui o amor de Deus é declinado em torno a quatro termos: coração, alma, mente e força, que indicam tantas outras dimensões do homem com as quais ele é convidado a relacionar-se de modo total e exclusivo com Deus. O coração indica a sede da vida espiritual, os sentimentos, a vontade, a interioridade. Mas podemos alcançar também os afetos, as emoções, o fogo da paixão. O amor, de fato, abarca plenamente a esfera emotiva. A alma é simplesmente a vida, a existência individual concreta. Amar a Deus com toda a vida, portanto, significa também não excluir a possibilidade de ter que renunciar a si mesmo para testemunhar a própria fé até ao martírio⁸. A mente – ou a inteligência, como recorrido pelo escriba no v. 33 – é a fé “pensada”, que vai em busca

⁶ Cf. BENTO XVI. Carta apostólica em forma de Motu proprio *Porta fidei* (11 de outubro de 2011), n. 1.

⁷ FERRI, R. *Fede nella Trinità*. In: COZZOLI, M. (a cura di). *Pensare, professare, vivere la fede. Nel solco dell'esortazione apostolica "Porta Fidei"*. Città del Vaticano: Lateran University Press, 2012, p. 219 (tradução nossa).

⁸ Cf. Mc 8, 35-37.

da própria razão para não deixar-se guiar apenas pela paixão, que pode transformar-se em fanatismo religioso. A mente, assim, indica o reflexo da lógica de Deus na inteligência humana, é a busca de uma racionalidade que é aquela do *logos*. A força, enfim, remete a todas as energias do homem, as espirituais e as do corpo que age. A fé/amor de Deus não pode tratar uma só destas dimensões, mas encontra a sua concreta atuação no homem integral. Também a mente/inteligência encontra, portanto, o seu papel, que podemos colher sob um dúplice perfil.

Um primeiro aspecto é o do conhecimento, ou melhor, da relação entre conhecimento e fé. Ao homem, desejoso de conhecer a verdade, e em busca dela, vai ao encontro de Deus, o qual «enquanto fonte de amor, deseja dar-*Se* a conhecer, e o conhecimento que o homem adquire d'Ele leva à plenitude qualquer outro conhecimento verdadeiro que a sua mente seja capaz de alcançar sobre o sentido da própria existência»⁹. A fé, portanto, não pode ser compreendida em contraposição ao conhecimento/racionalidade, porque também a fé é uma forma de conhecimento: o conhecimento de Jesus de Nazaré reconhecido como Filho de Deus. Há, portanto, uma continuidade entre o conhecimento e a fé, e é perigosa a exaltação de uma contra a outra, como se a fé fosse alimentada com a oração e o conhecimento com o estudo. Amar a Deus com toda a mente/inteligência, significa ativar todas as capacidades humanas na busca pela verdade. Para o cristão, a verdade é Deus mesmo revelado no Verbo feito carne, nele o Pai, na sua misericórdia, se fez encontro com o homem, «para que, ao procurar-vos, vos pudessem encontrar»¹⁰. A fé se concretiza, portanto, no encontro com Jesus Cristo, e justamente por isso, é inseparável do amor, um amor que vai em busca daquilo que se ama:

Santo Anselmo sublinha o fato de que o intelecto deve pôr-se à procura daquilo que ama: quanto mais ama,

⁹ JOÃO PAULO II. Carta encíclica *Fides et ratio* (14 de setembro de 1998), n. 7.

¹⁰ Cf. MISSAL ROMANO. *Oração Eucarística IV*.

mais deseja conhecer. Quem vive para a verdade, tende para uma forma de conhecimento que se inflama num amor sempre maior por aquilo que conhece, embora admita que ainda não fizera tudo aquilo que estaria no seu desejo: Ad te videndum factus sum; et nondum feci propter quod factus sum¹¹.

Desde este ponto de vista, há uma espécie de *pericorésis* entre fé e teologia (e o seu estudo). Estudando, deveríamos sempre nos questionar sobre como estamos amadurecendo no conhecimento, e portanto, no amor por Jesus Cristo; e para amar verdadeiramente o Senhor, deveríamos sempre nos interrogar sobre o desejo que temos de conhecê-lo melhor. Se, além disso, temos presente que o cristão nunca crê sozinho, mas inserido numa comunidade – a Igreja – devemos também reconhecer que ao crer, cada um se confia aos conhecimentos adquiridos pelas outras pessoas. Trata-se, certamente e antes de tudo, da dinâmica da tradição, pela qual a fé e os seus conteúdos são transmitidos de uma geração à outra, a partir da pregação apostólica; mas também do fato de que o nosso conhecimento amadurece progressivamente, não apenas mediante as convicções alcançadas pessoalmente com as nossas capacidades cognoscitivas, mas também na mais radical capacidade de confiar nas outras pessoas¹². Trata-se dos “mestres” que o Senhor nos faz encontrar em nosso caminho, entre os quais os teólogos que no decurso dos séculos investiram os talentos de sua inteligência na indagação do mistério de Deus, fazendo-os frutificar na partilha do seu pensamento.

Um segundo aspecto, que aprofunda e explicita o precedente, diz respeito à singularidade do processo de conhecimento com relação à fé. O v. 33 da perícopé do Evangelho de Marcos, anteriormente citada, substitui o termo mente do v. 31 por inteligência (*synesis*). Não a inteligência que se nutre da sabedoria deste mundo, que Deus demonstrou ser estulta,

¹¹ *Fides et ratio*, n. 42.

¹² Cf. *Fides et ratio*, n. 32.

porque é incapaz de compreender a palavra da cruz (cf. 1Cor 1, 20), mas a inteligência do mistério de Cristo (Ef 3, 4). O termo italiano *intelligenza*, assim como no português *inteligência*, deriva do latim *intus-legere*, que indica a ação de *ler-dentro*, isto é, de não permanecer na superfície, mas penetrar progressivamente no mistério, sem a pretensão de possuí-lo plenamente. Não se trata, então, de um conhecimento puramente intelectual, mas daquela unidade de um conhecer que, ao mesmo tempo, é amar, viver, encontrar o mistério de Deus. O livro do Sirácida declara

Feliz o homem que se ocupa da sabedoria e que raciocina com inteligência, que reflete, em seu coração, nos caminhos da sabedoria e medita em seus segredos. Sai atrás dela como um caçador, põe-se à espreita nos seus caminhos. Inclina-se para olhar por suas janelas, escuta às suas portas. Detém-se junto à sua casa, fixa o prego nas suas paredes. Coloca a sua tenda junto a ela, acampará num lugar de felicidade. Porá seus filhos sob a sua proteção, será abrigado por seus ramos. Por ela será protegido do calor e acampará em sua glória (14, 20-27).

Como podemos notar aqui, meditar sobre a sabedoria e raciocinar com a inteligência não constituem uma operação puramente intelectual, mas fundamentalmente vital. Não se trata apenas de penetrar com a mente os segredos de Deus, mas de espreitar-se em seus caminhos, espiar por suas janelas, acampar ao lado de sua casa, levantando junto a ela sua própria tenda. Estudar teologia abre, assim, o horizonte da mente humana e leva a compreender que penetrar os mistérios de Deus significa deixar-se transformar por eles, porque o horizonte da teologia, graças à fé, se escancara mais além do próprio horizonte da razão humana, compreendendo as profundezas que, sem a revelação, a razão humana nunca poderia sequer suspeitar¹³. Deste ponto de vista, não há, portanto, alternativa entre estudo

¹³ Cf. COLOMBO, G. *Professione "teólogo"*. Milano: Glossa, 1996, p. 48-49.

e oração, fazer teologia e celebrar o mistério de Cristo, pois o mistério, objeto de estudo da teologia, é, em última análise, o “mistério pessoal”, como o chamava O. Casel, isto é, a pessoa de Jesus Cristo, contemplado no estudo, encontrado na liturgia e amado no irmão.

2.2 EVANGELIZAÇÃO E TEOLOGIA

O estudo da teologia tem, ainda, aspecto significativo no tocante à comunicação da fé e, portanto, ao exercício do ministério presbiteral para o qual o percurso de formação do seminário prepara. Se em certos aspectos o rigor do método científico, demandado pela reflexão teológica, não tem grande relevância na prática pessoal da fé, por outro lado, ele é assumido na sua confissão pública, isto é, pela fé proposta como profissão da verdade absoluta, que não escapar de eventuais objeções e que, conseqüentemente, deve mostrar suas justificações. O presbítero, hoje, deve estar enraizado na fé da Igreja que ele é chamado a anunciar e, assim, encontra no Magistério os pontos de referência imprescindíveis que guiam o desenvolvimento de uma reflexão de fé, mantida numa linha de continuidade com as origens, isto é, com o Evangelho. Mas o mesmo presbítero vive nela e não pode nunca alienar-se da história e do contexto cultural no qual é chamado a exercitar a sua caridade pastoral. Por isso, não pode escapar da instância crítica da fé que é constituída pela teologia. Essa, de fato

leva ao nível de consciência refletida e sistemática a experiência de fé vivida pela comunidade cristã e garantida pelo Magistério, “verificando-a” constantemente sobre o seu princípio que é a revelação testemunhada pela Bíblia. Correlativamente, ela justifica e, portanto, torna crível o pensamento e a vida de fé, em confronto com o pensamento que não crê, respondendo às suas eventuais contestações e, em cada caso, denunciando-lhe os limites objetivos. Em última análise, pode-se dizer que a teologia é a margem, ou a emergência crítica da fé; crítica quanto

às expressões mesmas da fé, no sentido de que as constringe a uma coerência intrínseca; e crítica quanto à negação ou o rechaço da fé, no sentido de que os contesta exibindo as razões lógicas e históricas da fé. No interior da fé, a teologia se apresenta assim, na sua dimensão própria, como essencialmente "crítica"¹⁴.

A Teologia/estudo da teologia e a evangelização procedem, portanto, como que numa simbiose.

Há cerca de quarenta anos, introduziu-se na linguagem eclesial a expressão "nova evangelização", cunhada por São João Paulo II¹⁵, para enfatizar com o adjetivo "nova" um renovado ardor nos métodos e na expressão. Entre as características deste novo impulso de evangelização, ele registrava a necessidade de ir em busca do essencial, que não significa principalmente uma redução, mas sim, uma escolha qualitativa daquelas poucas coisas que verdadeiramente contam, das quais não se pode dispensar. E dado que a estrada é Cristo, emerge-se aquilo que realmente conta: uma relação viva e interior com Ele; a profunda comunhão com a Igreja unida ao amor e à disponibilidade para as pessoas; o conhecimento do próprio tempo, dos próprios lugares, do próprio país, feito de competência e atenção para com uma história que é sempre o lugar do revelar-se de Deus¹⁶.

Mais recentemente, dedicou-se ao tema a XIII Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos: *A nova evangelização para a transmissão da fé cristã* (7-8 de outubro de 2012). Seguiu-se a ela a exortação apostólica *Evangelii gaudium*, na qual o Papa Francisco, inspirando-se nas reflexões sinodais, pretende oferecer uma reflexão mais ampla, iluminando «as preocupações que me movem neste momento concreto da obra evangelizadora da Igreja» (n. 16). Na exortação apostólica, no contexto de uma Igreja em saída, ele dedica alguns parágrafos ao tema da cultura, e então, à teologia. Afirma:

¹⁴ COLOMBO, G. *Perché la teologia*. Brescia: Editrice La Scuola, 1980, p. 41 (tradução nossa).

¹⁵ «Começamos uma nova evangelização, que é como se fosse um segundo anúncio, ainda que, na realidade, é sempre o mesmo». JOÃO PAULO II. *Homilia durante a missa celebrada no Santuário da Santa Cruz, em Mogila (Polônia)*, 9 de junho de 1979, AAS 71 (1979), p. 865 (tradução nossa).

¹⁶ Cf. GALANTINO, N. "Nuova evangelizzazione". In: *Aggiornamenti sociali*, 63 (2012), p. 711-715.

«Uma vez que não basta a preocupação do evangelizador por chegar a cada pessoa, mas o Evangelho também se anuncia às culturas no seu conjunto, a teologia – e não só a teologia pastoral – em diálogo com outras ciências e experiências humanas tem grande importância para pensar como fazer chegar a proposta do Evangelho à variedade dos contextos culturais e dos destinatários. A Igreja, comprometida na evangelização, aprecia e encoraja o carisma dos teólogos e o seu esforço na investigação teológica, que promove o diálogo com o mundo da cultura e da ciência. Faço apelo aos teólogos para que cumpram este serviço como parte da missão salvífica da Igreja. Mas, para isso, é necessário que tenham a peito a finalidade evangelizadora da Igreja e da própria teologia, e não se contentem com uma teologia de gabinete»¹⁷.

Notamos a sintonia e a continuidade entre os dois pontífices. São João Paulo II incluía entre os elementos essenciais do empenho evangelizador da Igreja, o conhecimento do próprio tempo, porque a história é o lugar do revelar-se de Deus; Francisco indica no diálogo com o mundo da cultura e da ciência, a modalidade dessa atenção ao próprio tempo. É aquilo que Bento XVI definia como a necessidade de alargar os espaços da nossa racionalidade, para reabri-la às grandes questões do verdadeiro e do bem, para conjugar entre eles a teologia, a filosofia e as ciências, no pleno respeito dos seus métodos próprios e da sua recíproca autonomia, mas também na consciência da intrínseca unidade que as mantém juntas¹⁸. Uma teologia em saída é aquela que sabe tecer relações com o mundo da vida e da cultura e os estudos eclesiais, o vemos na *Veritatis gaudium*, «constituem uma espécie de providencial laboratório cultural onde a Igreja se exercita na interpretação performativa da realidade que brota do evento de Jesus Cristo»¹⁹.

¹⁷ *Evangelii gaudium*, n. 133.

¹⁸ Cf. por exemplo, o *Discurso ao Convênio Internacional Eclesial de Verona*, 19 de outubro de 2006.

¹⁹ FRANCISCO. Constituição Apostólica *Veritatis gaudium* (8 de novembro de 2017), n. 3.

O presbítero, hoje, não pode limitar-se a exercitar o próprio ministério dentro dos confins da comunidade de fé, sem uma atenção ao mundo que está fora dela, como se a Igreja e o mundo fossem duas realidades separadas e contrapostas. Não há sentido, de fato, em isolar a experiência da fé num mundo privado, pois por sua própria natureza a fé é um modo singular de viver a experiência humana, reconduzindo-a à verdade absoluta e incondicionada que se revelou em Jesus de Nazaré. Se o presbítero, com a sua vida e a sua palavra, deve anunciar essa verdade, não pode prescindir da teologia, cujo serviço à comunidade de fé e a todos os homens não é somente aquele de "fazer valer" a verdade que se revelou no Verbo feito carne, mas também é aquele de deixar-se provocar pelo homem contemporâneo, empenhando-se para oferecer respostas sensatas e críveis às perguntas que ele faz²⁰.

Concluo com uma simpática página de um teólogo italiano, que por anos foi o presidente da Faculdade Teológica da Itália setentrional, G. Colombo:

Ninguém pode dar conselhos aos teólogos: sabem errar por conta própria e, mesmo quando se equivocam, estão convencidos de fazer bem. Conselhos podem ser dados somente aos estudantes de teologia (...). O primeiro, e substancialmente o único, é o de estudar. Ao conselho, porém, deveria preceder um augúrio: ter bons mestres (...). Estes são uma síntese de tantas boas qualidades, que muitas vezes emergem apenas à distância. Em todo caso, se forem encontradas, o conselho é o de confiar neles e de estudar, estudar aquilo que eles ensinam²¹.

Este é o conselho e o augúrio que também eu dirijo a todos vós.

²⁰ Cf. COLOMBO, G. *Perché la teologia*, p. 73-77.

²¹ COLOMBO, G. *Professione "teólogo"*, p. 48-49.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO XVI. *Discurso ao Convênio Internacional Eclesial de Verona* (19 de outubro de 2006).

BENTO XVI. Carta apostólica em forma de Motu proprio *Porta fidei* (11 de outubro de 2011).

COLOMBO, G. *Perché la teologia*. Brescia: Editrice La Scuola, 1980.

_____. *Professione "teólogo"*. Milano: Glossa, 1996.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. Carta *Placuit Deo* (22 de fevereiro de 2018).

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Ratio Fundamentalis Istitutionis Sacerdotalis* (8 de dezembro de 2016).

FERRI, R. *Fede nella Trinità*. In: COZZOLI, M. (a cura di). *Pensare, professare, vivere la fede. Nel solco dell'esortazione apostolica "Porta Fidei"*. Città del Vaticano: Lateran University Press, 2012.

FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* (24 de novembro de 2013).

_____. Constituição Apostólica *Veritatis gaudium* (8 de novembro de 2017).

GALANTINO, N. "Nuova evangelizzazione". In: *Aggiornamenti sociali*, 63 (2012), p. 711-715.

JOÃO PAULO II. *Homilia durante a missa celebrada no Santuário da Santa Cruz*, em Mogila (Polônia), 9 de junho de 1979, AAS 71 (1979).

_____. Exortação Apostólica pós-sinodal *Pastores dabo vobis* (25 de dezembro de 1992).

_____. Carta encíclica *Fides et ratio* (14 de setembro de 1998).